

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

PRIMEIRA VERSÃO

ANO II, Nº73 - NOVEMBRO - PORTO VELHO, 2002
VOLUME V
ISSN 1517-5421

EDITOR

NILSON SANTOS

CONSELHO EDITORIAL

ALBERTO LINS CALDAS - História

ARNEIDE CEMIN - Antropologia

ARTUR MORETTI - Física

CELSO FERRAREZI - Letras

FABÍOLA LINS CALDAS - História

JOSÉ JANUÁRIO DO AMARAL - Geografia

MARIA CELESTE SAID MARQUES - Educação

MARIO COZZUOL - Biologia

MIGUEL NENEVÉ - Letras

VALDEMIR MIOTELLO - Filosofia

Os textos de até 5 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times
New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows"
deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775
CEP: 78.900-970
PORTO VELHO-RO

TIRAGEM 200 EXEMPLARES

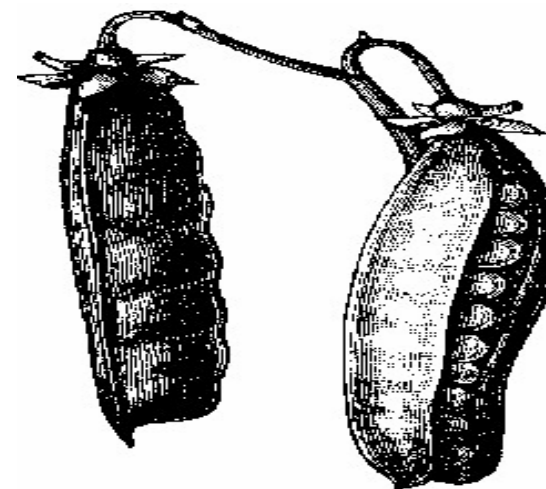
EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

lathé biosa

73



**CONTOS VEROSSÍMEIS -
JOÃO MUITO-EMBORA**

CLODOMIR SANTOS DE MORAIS



Clodomir Santos de Moraes

Professor de Sociologia Rural

jacintaclodomir@hotmail.com

CONTOS VEROSSÍMEIS – JOÃO MUITO-EMBORA

- Seu João é quem mais podia falar sobre isso aqui. Era o mais velho desses velhos de Santa Maria da Vitória. Minto. Não era o mais velho do que a siá velha Gulóra; do que o velho Chico do caixão; ou do que o velho João Cego Do-Outro-Lado-Vizim-de-Angelo. Era não. Mas desses, era quem mais se alebrava dos princípios da cidade e dos antigos dessas ribeira do Corrente.

O nome de seu João mesmo é João Salustiano. Não-sei-de-Quê. Só depois de uma viagem que ele fez na Lapa, faz muitos anos, é que voltou com esse sobrenome de Muito-Embora. Foi pagar uma promessa ao São Bom Jesus e voltou falando difícil, como os viajantes que vêm da Bahia e de Belo Horizonte. Não falava dois nomes pra não dizer Muito Embora. E os capadócios caíram de cima dele, mocinho ainda, moderno. De João Muito Embora a João Muito-Embora, lá sei. Hoje é o velho João Muito-Embora. Não escapou ninguém da família. A mulher e os filhos, tudo é Muito-Embora. E, assim, até hoje.

Na festa de Santa Luzia, ele sempre vinha da Germânia, descendo o rio Formoso pra comprar velas de espermacete e foguete no comércio. Fazia novenas e promessas todos os anos.

- Seu João, tem chovido lá pras suas bandas?

- Tem nada, meu filho - respondia remetendo o chapéu pr'atrás e coçando a cabeça com os dedos entevados da enxada -, tem nada. Este ano não caiu nem um pinguim de chuva, muito embora o riacho, quando estourou lá em riba, derribou os giraus, num aguaceiro que levou tudo.

E esse tudo, dizia com uma tristeza que vinha de dentro, chega de morava!

Se, por outra, lhe perguntavam: como é, seu João, a Nocência já pariu?

- Pariu nada, seu Antônio. Pariu o quê! Muito embora o velho aqui já esteja com a casa cheia de netos. É um desespero. Desespero mesmo - completava. Imagina que, em três anos de casada, sete meninos: dois mambaos de cada vez e uma ninhada de três, no último parto, muito embora só escaparam quatro.

Mode essa civilidade de falar difícil, ficou com o Muito-Embora até hoje. Mas é quem mais podia se alebrar dos antigos da Santa Maria. Bastava pegar ele com a língua solta e disposta a falar das missões e das políticas dos Afonsos, de Severino Magalhães e do tempo da primeira Reculuta da Guerra do Paraguai. Hum! Era negócio pra varar três dias e três noites. Não escapava nem o barulho da rua do fogo, nem os casamentos do tempo do lençol furado.

Verdade que siá velha Gulóra é bem mais velha que seu João. Mas a velha não se rcorde de nada. Está avançada. Passa o dia todo, torta que nem um anzól, com o nariz enfiado na almofada de fazer franja, aqui e acolá, caducando com umas cantorias de bendito e Kreleizón, que ninguém se lembra mais. Quem

pode? Basta dizer que, desde o tempo de moço, moderninho ainda, que vejo o povo chamar siá Gulóra de siá velho Gulóra. É só medir. A primeira filha dela, não. Mas a do meio se casou com o finado Zé-Bras-Fazedor-de-Tacho, mãe da mulher de Luiz Bodeiro; dela já saiu Belinha que já é avó de netos. Assunta! Só ai já vai pra lá de tataravó e tataraneto. Sei lá! Deus me defenda! já está criando pena nas costas. Vai ficar pra semente. Deus me livre de viver tanto. Quero o quê! Ochent! Ter que ser tratado que nem menino, seja pra dormir, pra comer ou pra ir no mato. Quero não. Prefiro morrer como o finado Pezim, conversando, dizendo o tamanho do caixão e a fundura da cova; dando benção pros filhos e parentes bons e esconjurando quem não prestam. Assim é bom morrer, antes de caducar.

Também, siá velha Gulóra, coitada, não pode estar se lembrando de tudo se a história do marido da mãe dela é um precipício que não tem fim. Ele era estrangeiro como Seu Minas e sem alforria. Tanto era assim que veio se esconder aqui nesse fim de mundo. Quem bem conhecia a história dele era o velho Larião, pai de Maecelino Cabeça-de-Fósforo. Dizia que o marido de siá velha Gulóra se chamava Genovês Galhardo, de um reino estrangeiro onde havia guerra. E que ele estava brigando muitos anos; que abusou da guerra; já não tinha mais saúde e resolveu fugir. É justo porém, o chefe, um tal de Garibaldi, que comandava o cangaço, queria continuar brigando. Só sei que - segundo seu Larião - aranjou um parceiro, pegou uma canoa, de noite, e fugiu para um navio de retirantes.

Andaram muitas semanas sem ver terras. Êta diacho! Vê só o tamanho do mar. Inda tem quem duvida do Dilúvio. É muita água. Dizem que dá mais de dez Rio São Francisco dentro. Vigia que São Francisco já é água muita. Quando sobe, a água barrente encarde o rio corrente até aqui perto, no Porto novo. Tem lugar que dá mais de três léguas de largura. A valência é que tem lugar estreito. Senão, quem é doido de bater remo três léguas sem ver terra? Só navio!

Pois bem, eram italianos os dois. Jogaram a farda n'água e vieram bater na Bahia. E, certamente, não estavam fôrros, por isso, meteram o pé no mundo e vieram se esconder nesses descampados daqui.

Sim, porque naqueles tempos tudo era deserto ainda. Santa Maria só tinha uma dúzia de casas. O comercio mesmo era Brejo do espírito Santo, arredado daqui a três léguas. Tinha feira no sábado e padre uma vez por ano. Era a melhor localidade. Lá mandavam os Nery e os avós de compadre Zé Grande. Comércio animado de couro de gato, caititu, boi e veado, feijão, farinha, rapadura e ouro do rio das éguas.

Os dois italianos, muito tempo zanzando pra cima e pra baixo, quand'é-fé ganharam dinheiro e se casaram.

Foi um tal de aparecer Filardi e Galhardo por todo canto: aqui, na Santana dos Brejos, no Porto Novo, no Do-Outro-Lado e na Cana Brava. Uns ficaram ricos, gente grande, como bem o finado Argemiro Filardi-de-Dona Mosina, que em vintoito foi prefeito de Santa Maria. Em cinqüenta e cinco, outro ficou prefeito de Santana dos Brejos.

Só mesmo os Galhardos não subiram. Falta de sorte - quem sabe! Mesmo assim, deram Cadú de Chico Coimbra, neto de siá velha, alfaiate, barbeiro, marceneiro, vereador e tocador de clarinete na " 6 de Outubro" .

Jesuíno. Tá! É quem poderia escrafunchar melhor as antiguidades velhas desses povoados todos. Se já não passou, está beirando os noventa. De-mais-a-mais, é homem de muita gramática, fotógrafo como é hoje, e sacristão de toda a freguesia, no tempo de rapazinho. Já está surdo, coitado. E quase cego. Não por

desavença de Deus, mas por causa da máquina de fazer retrato. Todo mundo que fica com as vista na máquina de fotografia termina com o olho turvo, e, por isso, divulga pouco. Não viu o que aconteceu com Juvenal de Justino? Começou bater retrato, com pouco sentiu as vistas curtas. Se não abandonasse a arte é bem possível de hoje estar que nem Jesuíno. Felizmente.

Mesmo assim, Jesuíno ainda lê as gazetas, as revistas e as bulas dos remédios que ele usa pra retratar os fregueses. usa uma lente pra adjuntar a vista.

O filho que tem em São Paulo, o sargento Óton, do Exército, já se ofereceu operar os olhos de Jesuíno. Mas ele quer saber de viajar nesta idade, o quê? Quer nada! Também, para o caso dele, óculos não resolve mais não. O doutor de São Paulo que examinou as receitas de doutor Josefino-de-Bom Jesus da Lapa, disse que Jesuíno carece de ter, no lugar das vistas turvas, dois olhos de defunto novo. Vou-tê! Já pensou? Onde já se viu tamanho castigo? Misericórdia! Quando me alembro das carreiras que o viajasnte deu no povo daqui com um olho de vidro, hum! Avalie, Jesuíno com olho de defunto.

Cruz credo! E olhe que se Calmon, segundo dizia, escolheu o olho que achou melhor e mais bonito nas lojas da Bahia. E Jesuíno, coitado, ter que ter as vistas de um defunto que nunca viu! Excomungo! Prefiro morrer cego, como Raimunda Cega, que já nasceu. Prefiro. Juro!

Se bem que, como o-povo-de-lá-diz, povo que se assombra termina se acostumando. Não viu o que houve em novecentos e dez com a professora Minervina? Perdeu os dentes bebendo água do rio da Correntina. Dentes bonitos e certos como sementes de abóbora. Tudo branquinho. Foi apodrecendo um por um. Outros caíram como os de menino que está de muda. Que água fresca, hein! Não adiantava jogar em riba do telhado com os "Mourão, Mourão, toma seu dente podre e me dá meu são". Não adiantou nada. Caíram todos. Passou muito tempo banguela e sem idade pra murchar as bochechas; madura de trinta anos.

Quando é um dia que ela veio da Bahia, o povo da Correntina se assombrou todo. Era a dentadura da professora Minervina. De postiça. As primeiras vistas só demorava cinco minutos. Outras vista nem apareceram na casa dela. Foi um deus nos acuda. Quem queria? Por mais que ela explicasse, todo mundo achava os dentes igualzinho aos da finada Suzana que, um ano, tinha morrido na Bahia. Até o dente de ouro era parecidinho. Tirante o marido, que era homem sem mofineza e instruído nas coisas da capital, ninguém se aventurava entrar no quarto dela, de manhã ou de noite, pra ver a dentadura dentro do copo d'água, rindo com gengiva, céu da boca e tudo mais. Arrengo! Mas veja o que é o atraso é a mãe de todas as ignorâncias e medo besta. Depois a gente perde o pavor e se acostuma. Com mais um pouco se acabou a livosia da dentadura da professora Minervina. Acabou-se. Toda gente quando se encontrava com ela só queria saber da dentadura. Bastava rir, pras mulheres ficarem cheias de inveja, cochichando os bocadinhos: - Quem diz? Parece obra de Deus. - É de vera!

Aí é que começaram os atrapalhados. Era uma que pedia pra ver; outra que queria ver na mão e as amigas banguelas ainda faziam experimenta, pra ver se dava certo na boca, na certeza de encomendar uma igualzinha pelo primeiro viajante .

Garanto que se Jesuíno trouxer dois olhos de defunto pro povo conhecer, com mais um pouco não vai haver cego nem zarolho na Santa Maria. O povo se acostuma e perde o flátulos.

Jesuíno, como dizia, - não se assuste com o meu emendamento de assunto, não. Gente daqui não sabe falar de outro jeito. Fala de fulano quand'ê fé escapole pela vida de Sicrano, Beltrano e Romano. Tenho que amarra a língua e segurar o pensamento, se não daqui a pouco, mistura os bate-boca de Martiniano Doido com as manjarras de Justino Belo. Só é como sei conversar: é subindo o rio no fio das questões e entrando nos tributários dos "corgos", dos riachos seco ou com água, indo até a s cabeceiras dos assuntos.

Quem não tem leitura, nunca leu escritura. Porém, no sacudir das cabeças tem sempre um tiquinho d'água dentro. Demais não creio nas estórias dos livros, não. Estórias mesmo, só de boca. Não carece de papel nem de muita ciência mode guardar, ainda que seja com uma enxurrada de atalhos de aliás e por sinal. Gosto de sermão de padre que fala do Santo do dia e envereda pela vida de Cristo e de todos os Apóstolos, sem escapar os milagres e as doenças, contando de miudinho os pecados dos bons e dos maus.

Jesuíno, dizia eu, com noventa ano, tem muita coisa que contar dos antigos. Pode não saber dos começos do povoado. Não é doutor, mas é de muita sabença. É fato que não nasceu nesses barracos do Corrente. Chegou aqui rapazote, ele e as irmãs e o padre Othon, pai deles todos. Vieram de Santa Rita do Rio Preto. Tudo de muda definitiva, sem retorno. Vieram de muito longe, umas cem léguas. Da Serra da Ribeira lá dá mais de sessenta.

É muito chão. Por isso vieram por água. Quand'ê fé chegou uma barca carregada de gente, bagagem, mobília e louças. Isso foi uma dose, no começím do século. Era o padre Othon de Lima, carregado de filhos. Não veio só fazer desobriga, como os outros padres. Veio pra ficar padre da freguesia.

Foi uma afobação danada mode arranjar acomodação nas casas dos outros com tanto trem e tanta gente. Uns diziam que vaio corrido de perseguição política. Outros diziam que deu febre de ir embora nos povos de Rio Preto. Na pedra de amolar, por exemplo, não só o padre como bem todos os comerciantes e os pobres abandonaram o lugar de uma só vez levando gato e cachorro pros garimpos de Goiás.

Uma coisa ou outra, verdade é que naquele mundo do Rio Preto a política é braba e consumição de pecado pra muita gente. Quem tem menos, tem quatrocentos homens de jagunçagem e mais de mil lazarinas escondidas nas furnas das pedreiras. Não viu Chico Leobas de Remanso? Quando sentiu que não podia mais com os Albuquerque de Pilão Arcado, brigando de um lado e do outro do São Francisco, subiu o Rio Preto e se enfurnou com mais de trezentos homens no Jalapão de Goiás, fronteira com Piauí.

O padre Othon preferiu vim pro Corrente. Mais longe e seguro. Foi até bom. Faltava padre aqui e de missa ninguém se lembrava mais, a não ser do Rosário.

Ele era forte e pessoado. Parecia de muito dinheiro e de muita seriedade. De forma qu ninguém pôde mangar do sintoma dos filhos. Padre, doutor e rico não tem defeito. Mas se o pobre imita, cai na língua do povo que nem os ossos escapam. Deus me livre!

Por adjutório de Deus, as filhas eram bonitinhas, brancas e de civilidade muita. Tanto é que se casaram com rapazes da melhor situação, filhos do povo rico e remediado de Santa Maria.

Naninha se casou com Quinca Atayde; Noêmia, com Quinca Afonso; Claudemira com seu Honor e dona Loló com Antônio de Bruno. Uns e outros da Guarda Nacional, com dinheiro e posses. Só seu Honor não tinha patente, mesmo assim era mecânico de máquinas de costura, roda d'água e de cinema de carboreto. Um outro filho do padre, Jesuíno, ficou sacristão, viajando com ele por todos os cafundós, batizando, casando e rezando missa, dez léguas aqui, vinte léguas acolá, de cima do lombo do burro. Passava o ano todo fazendo as desobrigas, pois tem santo todo dia e os mais conhecidos exigem festas com missa, benção de tantoergo todo dia. É nossa senhora do Rosário, na Correntina, São Félix no Do-Outro-lado, São Pedro em Açudina e ainda os de Coribe, São Lourenço, Barreiros, Gatos, Santantonho, São Geraldo, macacos que na falta de padre, só carecem de novenas e ladainhas.

O padre Othon era forte, resistente e não media consumição pra atender a freguesia. Eu mesmo, no tempo de moderno, acompanhei o padre na desobriga. Quase me acabei de tanto viajar, foi uma desgraceira. Voltei com um pé desmentido, constipado e ameaçado de nó nas tripas, que, só no velho Binigo, com beberagem de jurubeba e meizinha de folha de alecrim, misturada com reza e resguardo comprido, que fiquei estabelecido da doença.

Homem! Foi uma penitência infeliz. Vinte dias de viagem. Viajão danado.

Saimos amontados daqui do porto cedinho, na barra do dia. O padre Othon, como vigário, Jesuíno, como sacristão, eu, como bagageiro do padre e um burro, manco da mão e sestroso da orelha, carregando dois baús grandes, cheios de trem de missa.

A mula que o padre montava era muito boa, viajeira acostumada a travessia sem água e estirada de dez léguas. Mas porém, velhaca quando solta, coiceira na hora do arreo e sestrosa de rabo no botar o rabicho. Boa no passo de viagem e desenvolvia rochão de doze légua num dia. O defeito que possuía era na uretra, se mal emprego. Não podia pisar as patas n'água pra não mijar. Jegue inteiro nem cavalo influente chegava perto dela. Se estava no cio, ninguém sabia. Foi feita pra padre mesmo. Animal que chegasse perto dela, era coice por toda banda e dentada de arrancar orelha.

No princípio, quando novinha, Zé Severino-Amansador-de-Burro botou o nome de castanha. Aprendeu o passo viageiro, com armação de carretel e argola na barrigueira e nos cascos traseiro, em quinze dias. Só vendo! Com pouco, estava esquipando, sem carecer de chicote nem de espora de roseta grande.

Um dia que o padre Othon chegou, tarde da noite, de uma viagem das quinze léguas de Inhaúmas, não teve tempo de mandar botar a castanha do capinzal do Domingão do Justino Bedocha. Duas léguas então, o criado deixou ela aí mesmo, quase na rua. Foi a conta. Estragou a mula. O que aprendeu em três meses, de passo, rojão e esquipado, no amansamento de Zé Severino, perdeu numa noite na roça de Zé Carretão. O jegue dele. Aquilo é um escumungado. Olhe, aquele jegue, enquanto teve inteiro, só prestou amarrado de peia e cabresto. Era um labóro toda semana. Saltava cerca de coivara, cerca de espinha de peixe, cerca de dez fios de arame farpado pra lota a água de Pedro de Catulino-Seleiro e a jumenta de Damião-de-Siá Gertrudes. Era um castigo. E quando descia aqui na rua - Deus me defenda! - incomodava até os bois dos carro-de-bois com uma sem-vergonhice que as mulheres fechavam as janelas e botavam as filhas moças pra dentro de casa. Excomungado! Era o Cão em couro e osso, descadeirando tudo quanto é bicho fêmea que encontrasse e sentisse cheiro. Rinchava tão alto que parecia o apito do vapor "Saldanha Marinho". Obstante os coices por todo canto e dentada que leveve, só sessegava depois de se lambusar na luxúria sem respeito.

Uma vez, nas missões, foi uma latomia dos infernos. O povo todo estava na missa campal do pé do Cruzeiro Grande. Gente muita que rodeava o oitão da igreja. A cidade não era cercada como hoje, com doze fios de arame e mourão de mussambê. A criação andava solta pelas ruas. Soflagrante, na horinha da missa, só se viu o estouro do rincho do jegue de Zé Carretão, correndo atrás daégua de Catulino-Seleiro. Foi um Deus nos acuda e vige-Nossa-Senhora! Homem, esparramou gente pelo beco da “Vantajosa” e beco de Manoel Coelho que o areião da praça ficou coberto de véu de missa e chale de mulher velha. Mesmo os que não arredaram o pé do altar se escusaram do mistério do sacramento, porque o jegue botou a confissão e a abstinência de véspera com o pecado mais feio.

Pois foi quem desgraçou a mula do padre Othon, novinha, mansa e com oito palmos de altura. Bastou uma noite de correrias na manga de Zé Carretão. Depois disso, jogar o arreio nela pelo lado dos quartos perigava levar coice que avoava a sela dez metros de distância. Por causa disso, botaram o nome de “Serepente” e ficou batizada até morrer.

De viajero, foi o melhor animal daquela quadra. Trinta léguas pra ela era impleitada besta de dois dias. Mas, voltando pro assunto da viagem, onde é que eu estava? Assunta! Estou que-nem o velho Epifânio, na hora da morte. Chamou os filhos pra fazer o testamento e terminou falando da caçada da onça que mais compadre Manoel Cândido do Quebra-Botão e dos bate-boca dos dias de eleição do Império. Mas morreu bem, sem dor, falando já sem a luz dos olhos.

Eu fiquei na viagem, não foi?

O sol veio aparecer quando cruzamos o riacho do Pau-de-Colher, no rumo de São Pedro do Açude. O estradão de carro de bois, carregado de rapaduras dos brejos, estava ainda fresco, sem andamento de gente e de criação. Todo bordado de ponto em cruz, dos rastros de pomba de bando, juriti e arrição que se cevam nos desperdiços dos viajantes. Debaxo das umburanas, angico e outros pé-de-árvore, peneirando os raios de sol, o grameal verdinho e ensopado de orvalho delatava que a terra dormiu bem, noite de noiva, enxertada de sereno. Os passarinhos, num bete-boca de feira, uns mangando, outros perraçando de ciúme - como os “fogo-pagô”, periquitinhos e baitacas, tavam num lustramento de beijo de bico - fora dos ninhos.

Eu mesmo nuca tinha acompanhado o padre em desobriga. Antes só foi uma fugudinha, na Santa Quilara, pra bençoar o pai de Siana de Chico Vaqueiro que estava morrendo com baticúm no coração e postema na virilha.

Sempre arreneguei viagem de padre, pra não ouvir conselho de falação dos pecados e esconjuramento de amancebados. Gosto não. Tenho os meus defeitos, mas não sou senvergonho, tão pouco não me meto na vida alheia dos outros. Nasci solto e crio meus filhos-homem soltos, sem ferir a lei de Deus. Quem tiver as suas fêmeas que amarre no curral. Gosto de padre e doutor que fala de tudo, da política e religião, sem atravessar o batente da porta do quarto de dormir. Daí pra dentro é Deus quem cuida.

Estimei muito como o padre Othon tratou das coisas do Cuscuzero, daí uma leguinha. Mal foi chegando, distribuindo benção pros meninos, lavou o rosto, tomou café e se aprontou no preparo dos batizados e casamentos. A maioria, mancebados: por carência de vigário na freguesia, dois anos seguido. Naquele tempo, ninguém se aventurava casar na lei civil. Lei da maçonaria e da República, era lei do Cão e mal-do-Século. Outros já amasiados, com filho grande, não arriscavam

casamento, com medo do sermão dos missionários. Só sei que o padre Othon casou todo mundo depois de confissão sem muita penitência de reza ajoelhada. Era só ir dizendo os mistério da língua de Deus e Jesuíno respondendo amém. Ninguém tremia de medo, de vergonha. Até João Carreiro-da-Serra-das-Lapinhas, que viu o filho se casar primeiro e, mesmo assim encabulado, acertou o dedo da velha dele no bota da aliança. Saiu desabafado e vazio de pecado. Jesuíno recebeu ordem de só cobrar dinheiro de quem tinha. De vinte casamento só sete renderam. Os outros eram pobres. Uns nem aliança de flandres possuíam. Os batizados ficar de graça. Menino de peito, muito que encheram de choro de água benta fria as três casas do Cuscuzeiro. É que saiu gente de todo buraco: das Lapinhas, do Poço-da-Pedra, do Pau-de-Colher, do Domingão e da Lavoura. Uma casa aqui, outra daí a meia légua.

Tudo foi feito com avexame mode alcançar São Pedro do Açude. Assim mesmo o padre fez um explicado do dever cristão. Com pouco mais, o povo se espalhou, amontado e de pés, pelas estradas e atalhos.

Seguimos viagem. Quando houvera da gente subir, cortando à esquerda pelo Retiro, a Serra do Pedreiro, no propósito de chegar cedo, o padre quis ir por baixo. Era pra passar pela Gruta do Menino Deus onde havia romaria de romeiros sem sabença, pois o bispo da Barra já havia excumungado o lugar, arengando heresia de fariseu. De fato que descobriram a gruta em lugar abismo, onde o riacho de Santo Antônio entra por de baixo do chão, se enfurna pra só aparecer daí duas léguas. Fica perto do nascente da casa de Carrim de Dolorosa. Lugar feio e perigoso como um caldeirão de pedra, cavado no rumo dos grogomim da terra como quem vai descendo pro inferno. Duas léguas de gruta, avalie! Fim de mundo! É de vera que não é uma só. Tem um magote, que-nem casa de abelha. As mais grandes dão mais de três tarefas semeadas de pedra-vela, que nascem de baixo como descem de cima, pingando água fria e quente. Outras têm lagoas da cor do arco-íris gelando as vantarias dos corredores e precipícios. Tem hora que a gente escuta o riacho por dentro da pedra, de baixo dos pés. Outra hora, o riacho já está em cima da cabeça, cachoeirando sem ninguém ver. Os caçadores, é só eles que furam as duas léguas por dentro do rochão, mode que, sem cachorro de faro bom, ninguém deve se astrever. Perigoso. A mãe-da-terra guarda lá dentro a farnição e a fição dos caiporas, pés-de-garrafas, romãosim e espírito de caboclo, de arrepiar os cabelos. Te's-conjuro! O povo é quem diz que até os nêgos-d'água do Rio Corrente nascem e se criam na Gruta do Menino Deus. O preto Bilau já viu uma fieira de nêgos-d'água descer o riacho rumo da Cana-Brava pra mergulhar no Corrente, destinantes de atentar os pobrezim dos pecadores. Não duvido não. Duvido o quê! Não vê? É só de quem cachorro de caçador tem medo: é do nêgo-d'água. Pode enrolar uma coleira de fumo nele. Não confia. Chega na beira do rio - ali nas Perdeiras então! Hum - faz olho vidrado de medo e refuga. Não atravessava. É o nego-d'água, virador de canoa e espantador de peixe. Moça que toma banho de noite, escondida, nos escuros das Pedreiras, deita com o nêgo. No outro dia está dama, fora de casa, na rua da confissão, ou então escapole pra fazer a vida na Festa da Lapa. No mato, o malfeitor é o pé-de-garrafa, mas no rio e nas lagoas é o nêgo-d'água.

Pois bem, tem lugar nas grutas que os cachorros dos caçadores choram de medo como dabaixo da onça e fogem subindo no pescoço do dono. Não adianta perseguir no escuro porque o nêgo-d'água apaga o facho de fogo, o rolo de cera, a binga, o isqueiro-de-artifício e até vela benta de espermacete. É um castigo!

Quando a cheia é grande, o riacho vomita da boca do nascente cabaças pintadinhas, maracás, rosários de sementes, bugigangas muitas, polidas pelo caboclo que vivem socados nas grutas. Deus me proteja!

Mas só usaram a gruta da entrada, que tem feitio de altar bem acabado, lavrado pela mão da natureza. Não faltou quem trocasse uma quarta de feijão por um Menino Deus, do fabrico de seu João Imaginário, e colocasse no fundo da gruta pra atrair romaria sem benção: Menegildo Reza- tudo. Foi um tal de chegar gente de todo canto que não acabava mais. Té das bandas da Bahia e Macaúbas veio aleijado e cego procurando cura. Pegou parelha com a gruta do Bom Jesus da Lapa. Não faltou as filarmônicas de musicas de Santa Maria e de Santana dos Brejos. Mas a influência foi curta. Durou pouco tempo; formou um comicím pequeno de vender beiju de tapioca, carne seca e armarinho de igreja. Sumiu logo. O bispo esconjurou o culto, carecente de benzimento na imagem, sem agravar os milagres já feitos. A vida é assim mesmo: o homem mancha e Deus desmancha. O padre Othon parece que não gostou do lugar, não. Chegou nem desapeou e nem tirou o chapéu, como nós todos respeitantes do sagrado. Procurou pela imagem e o guia, Juvenço, disse que ela estava dentro da gruta, encantada, e que o desencanto dela só era no fim do mundo, quando o riacho virar fogo como cocho de mel pelando, desabando o vão das grutas.

O vigário só foi puxando as rédeas e dizendo:

-Vambora s'imbora, que ainda temos uma légua de viagem.

Chegamos no São Pedro meidia-a-pino. Por falta de espaço, onde mora Sinhozinho Escrivão, travessamos o açude pro povoado do Santantonho, mode assistir na casa do capitão Justino Belo. Eu mesmo assisti na casa da finada Zuína de Zé Piau, assim do lado da casa onde, hoje, mora Dissón de Arlindo Cego.

Chirão de rapadura invadia as ventas do povo. Engenho de rapadura de madeira, outros de ferro. Tudo, tudo moendo de boi cansado.

Gente muita na igreja. Tudo brejeiro dos brejos. Uns de pé no chão, chinelo de couro e chinelo de trança, precatas; outros de botina e burzeguím. Roupas de brim de linforme, sem falar nas calças de pano-grosso, tecido mesmo, e os zefír de um cruzado. As mulheres, alprecatas e pé no chão. Com esforço se via sapato-entrada-baixa e sapatina, tanto nos homens como nas mulheres.

Quem tinha, e até de botina e burzeguím, carregava pelos dedos, mode não estragar na areia. Só calçavam na hora da missa.

Santantonho e São Pedro foram tirados da mesma fôrma: uma pracinha e uma igreja pequena. Um, vizinho do outro, e separados pelo riacho. Consoante, quem soltasse foguete de cima do açude de pau, servia pros dois santos, sem ciúmes nem agravos das imagens.

Boca da noite, confissão de casamento e benção de tartoego, com incenso e sino batido. De um lado e do outro. No outro dia, missa simples no São Pedro e no Santantonho, missa cantada de domivobisco e perônia seclora, virtude ser na data do padroeiro mesmo, inhô sim!

Três dias pra casar e batizar o povo e os meninos.

O festeiro Justino Belo matou três bois pra dar de comer o mundaréu de gente. Homem rico de boas posses e posição: moagem de três engenho de pau, alambiques de barro e mais de trinta meeiros com trabalhador de alugado.

De noite, só vendo! Galo cantando fore de hora, dalatando furto de moça de noivado perdido. Noite gemida de moenda de engenho e chorada de cocão dos carros de bois carregados de rapadura. Cheiro de mel e catinga cheirosa de cachaça quente. Zuada de porco fuçando monturo e de cavalo e boi mastigando olho de cana. Resmungo de gente pecando no escuro, pra Deus nem a lua não ver e o povo não falar.

Cazuza Almanaque, lambendo a palha do cigarro, se intrometeu nas bestagens dos meninos de " bença lua, mim dá um pedaço de sabão pr'eu lavar meus gatím qui tão sujo de carvão". Homem de muita sabença, Geografia e outras humanidades; que lê as gazetas e fas conta saltiada, soletrando a taboada das regra-de-três e a jometria das cumieiras de casa. Foi logo descrevendo na ciência:

- A lua é que nem mulher. Não se ajunta de dia. Se é nova ou crescente não quer saber de macho por fingimento. Passa a noite toda correndo pra detrás das nuvens até se esconder nas serras, mode o sol não ver. Depois de cheia ou minguante, acaba a pirraça e o acanhamento, se mostra o dia todo, o resto é mistério da lei de Deus. É!...

Acendeu o cigarro e deixou todo mundo batucando com a cabeça.

No dia seguinte, ainda houve alguns casamentos de gente do Baixão, Cafundó de Dentro, Alagoinhas e Pinhengo.

Costurado um loro da sela do padre, que no pisar da caçamba se repetiu-se, viajamos de novo, no rumo do riacho da Água Quente pra rezar missa na festa do Brejo do Espírito Santo.

Dois dias de viagem com a demora na Água Quente, São Lorenzo de São Augusto, Maranhão dos Ramos e São Joaquim dos Leite. Correu tudo como no Cuscuzeiro, com a diferença das dormidas simples e as dormidas de muito de-comer.

Brejo do Espírito Santo, festão danado também. Festa do Divino com Bandeira de tirar esmolos, acompanhado de zabumba e pife de taboca. A "Seis de Outubro" , foi do porto. A influência foi do Brejo ainda era grande. Com o tempo é que foi morrendo, morrendo e, até hoje, o Divino se mudou pra Santa Maria. Agora a Festa é feita aqui mesmo.

Teve cavahada de Rei Mouro e Rei Cristão com o furto da princesa na véspera e o batismo do Rei na data. Só não foi mais animada porque, como hoje, transtorno, havia morrido a mãe de siá Felisbverta Santeira que toma conta da igreja. Altareira desde mocinha. Mordida de cobra. Foi. Só bateu o dente no pé, com meia hora, a velha estava morta. Morreu sem labuta, falando e sentindo uma dormência no corpo. Norato Fechador-de-corpo, mandado chamar na ponta da rua, inda chegou com sobra pra espremer e benzer a ferida. Amarrou as pernas de Zabelê, com chocalho de cascavel no pescoço da velha. Quando foi represar o sangue da perna, com cipó de tipí, ela vodrou os olhos. Cobra quatro-venta, prenha.

Morreu bendizando o nome de Jesus e lembrando a dilha de não esquecer de botar os ovos no ninho que a galinha de pescoço pelado já estava choca.

Foi quem ensinou a filha dos puchamento de terço e ladainhas de Nossa Senhora e de Todos os Santos, tanto na conversa do povo como no mistério da língua do padre. Era espichada, bem verdade sem leitura, nas ciências e arte da crença.

Morreu santa, sem pecado. Abasta dizer que passou a vida toda fazendo azeite de mamona e vela de sebo de carneiro. Na falta de sebo, fazia rolo de cera de abelha jataí. Tudo mode lumiar os santos e as imagens.

Organizava as procissões de penitência e as preces de fazer chover. Ninguém sabia mais do que ele do jejum de abstinência e da hora da luluia mode econder a matraca e repicar o sino na descoberta dos santos enlutados, luto-fechado de pano roxo-defunto. Além do mais, não tinha mais grande pra conduzir em segunda voz a cantoria das incelenças e o Ofício de Nossa Senhora, na beirada da cama de um moribundo ou mesmo de defunto passado.

Mas a festa, mesmo assim e tirante isso, foi muito animada. Matança de quatro bois; meia dorma de cachaça; mais de trinta girade de foguetes; uma dança de umbigada, de zabumba e harmônica, e baile da dança agarrada na casa do festeiro, com a gente que foi de Santa Maria.

O desconsolo da festa, mesmo, só foi a bizarrice de Liodoro de siá Prizilina. Veio de São Paul, muito metido a selebesquepe. Importante, de três dentes de ouro, lenço amarrado de aliança, no pescoço, e botina de polaina pregada. Casemira azul de jaquetão, com lencím no bolso embutido.

Liodoro era menino carregador d'água, sem emprego e dador de trabalho pra siá Levina de Zeca-de-Quintino, que criava ele. Um dia já rapazote, abusou do paradeira daqui e foi pra São Paulo, na influência de ganhar dinheiro.

Voltou, dez anos depois, lorde como os sobrinhos do coronel Quelemente. Fez figura! Educado e falando de industria de fábricas de trem de ferro e da dinheirama que se ganha em Bauru, muito pra lá da Bahia. Mostrou cabedal! Viveu com alemão, japonês, carioca, paulista, italiano e outras nações que fazem derriba pra lavoura de café e algodão. E, pra completar a civilidade, voltou músico de coreto de praça, mais ensaiado do que os discípulos de João Guará, que era melhor regente da época. Demais disso, trouxe um tambone niquelado de prata, que quase virou a cabeça das moças da Carinhonha. Com mais um pouco, acabava com os noivados do povo rico.

No Brejo, no malhor do baile de agarrado, o negro não mediu a qualidade e ofereceu uma modinha á filha do finado Deusdethe de Raimundinha. Foi a conta. A moça até já se desmanchava de fererice quando ele tocou. Deusdethe, pra não passar pela desmoralização, exigiu o casamento e Lidoro não quis, arengando civilidades de São Paulo. Quebrou o trombone dele no joelho eno mourão de amarrar burro e ainda deu um surra na filha, voltando pra casa.

Liodoro considerou a distância e quietou, virtude tratar de gente clara, possuída de fazenda e gado muito. Obrou bem.

O fuxico foi grande. Não pela saliência da moça, mas pelo enxerimento do nego Liodoro, que quis passar os pés diante das mãos porque veio de São Paulo.

Ví quando Deusdethe procurou o padre Otho pra aconselhar. O padre estava acabando de jantar na casa de seu Onofre Neri, assim de uma banda da praça.

Foi entrando e foi dizendo:

- Reverendo padre, não falo com orgulho pra Deus não se fazer rogado. Mas, filha minha, enquanto eu for vivo, não arreda o pé da Santa Maria. Vai não. Derna que a República e a maçonaria tomou conta de lá, o povo está remanchando na moral e nos costumes da religião, sem purga nem castigo.

O padre botou comida pro lado da boca, mode responder, quando o capitão Rufino d Brejão, trocando a perna cruzada, deu seguimento:

- Não é orgulho não, compadre Deusdethe. As minhas filhas só estão aí no baile porque o festeiro é o compadre Onofre. O povo de Santa Maria, depois do casamento civil, atolou-se na maçonaria e no pecado. O comitê dos logistas só é lei que eles respeitam. Falam da República, sem cruz na boca, e os meninos registrados no civil, choram no batismo por nascer excomungado já na inocência.

A última invenção do cão, nas idéias da República, é essa dança de agarrado. Onde já se viu? É a vergonhice mais descarada do mundo. Diabo solto. Deus me defenda ! Derna o dia em que compadre Onofre me disse que vinha filarmônica e moça de Santa Maria pra festa do Divino Espírito Santo do Brejo, que eu encomendei dois rosários, um de manhã e outro de noite, com essa velha Rita de Jeremias, qu'ístá aqui e não me deixa mentir.

Siá Rita, que já estava doida pra se meter na conversa, tirou o cachimbo do queixo sem dente, traçou na carra e no peito um " nome-do-padre" , virando os olhos pro telhado e disse: Cordeiro de Deus que a mentira não desmente, amém Jesus. Pra não fala adjutório inda rezo, no meio dia, cinco penitência de confite de Eu-Pecadô solto, sem ave-maria e nem jaculatória. E piscou duas vezes os olhos, que nem jia velha pelancuda de beira de cacimba, pra dizer:

- Fora disso, só Deus do Sacramento pode, amém, Jesus.

- Devo mais duas pacatas, siá Rita, por ignorar o agravo - disse o capitão Rufino, metendo a mão no bolsím do colete pra tirar o dinheiro, chegando ainda a tempo do - " Deus lhe favoreça e dê mais, na vida e na morte, amém, Jesus" , de siá Rita.

O padre Othon já tinha decido o bocado com gole de café, mode entrar no assunto, mas Deusdethe não quis dá ouvido, não. Resmungou durante todo tempo em que o padre explicou os costumes de São Paulo e da Corte, onde oferecer uma modinha não ofende e nem tira pedaço.

- Costumes novos, dizia ele.

- Saliência de nego enxerido, respondia Deusdethe. Essa peincesa Isabel merecia uma surra pra não pensar mais alforria de negro. Taí o que deu: casemira azul marinho, dente de ouro, conversado difícil e trombone niquelado de prata que não mareia. Isso é coisa da República.

O padre ainda labutou um bocado de tempo, na explicação bendizente da República e da alforria dos escravos, mas sem resultado.

Tive no Brejo um namorím ligeiro com uma branquinha de beijo grosso e cabelo de sedém castanho. Namoro de longe. Namoro de olho como santa de altar que não se deve pegar, nem pensar mal. Faiscava os olhos de corço de pinha. Olhos pidão de olho de choro pra quem quer pecar só no venial dos desejos.

Primeiro, foi no largo da feira, em frente da igreja. Depois na esquina do Velho Jão inglês, descida do cemitério, e no silêncio da igreja. O namoro da feira foi sem combinação nem procura; no acaso das cabeças. Tomei até susto numa nesguinha de tempo. Ela baixou as pestanas num canto do chão, olhante vazio de longe. Parecia me querer ver de novo sem mirar. Vista baixa. Não consegui. Que, quando ela levantou as pestanas, me sentiu, na tocaia, avoou no ar com alegria de menino apanhando borboleta. Variei de febre-repente, quando, aí, ela fez beijo de riso e entrou pra dentro que a mão chamava.

Na tarde do dia seguinte eu vi bem de perto, pertinho mesmo, o brilho dos olhos e o gangote macio de juriti. Tição de angico fez labareda na boca e nas orelhas. Cacei entendimento das vistas sapecadas de borrar sem imagem de pecado. No fisgar dos olhos, um instante só, a linha esticou como ferrada de peixe mantrinçã. Senti frio doce na espinha e fraqueza nas pernas. Medo sem sabença. Inda bem que ela derreiu as vistas pro lado da irmã até passar os incômodos.

Na esquina do velho João Inglês e de Satu, ela passou pertím de mim. Mistura de medo com vontade: sintoma de passarinho novo, quando a rama treme no ninho. Vi o baticum do coração no pé da goela. Medo de vergonha, com doçura do sangue e no pensamento. Apois, por causa disso, o canto do galo chorou nos meus ouvidos a viagem toda. Só Deus sabe.

No dia seguinte rumamos viagem pra Inhaúmas, de madrugada, fim de não cansar os animais na travessia de dez léguas sem água.

Geraição bruto, crivado de coco, tucum rasteiro, cajuí, timbó, pequí, araticum-cagão apelidado cascudo.

Deixamos o vale do riacho coberto com um fiapo de algodão de névoa. Era um véu de missa nas cabeças das árvores até as cinturas dos canaviais. Melhor ainda, quando subimos a tabuleiro. Espiando pra baixo eu senti, no derradeiro cantar dos galos, que só ela e o lugar pedia pra voltar, pois o povo todo dormia, longe do mundo e longe da saudade.

A arribação foi quem primeiro descobriu o dia, quando já tínhamos rompido uma légua. Só depois é que o orvalho brilhou nas moitas de folhagem dormida.

Nos gerais, o sol não nasce. É entregue, como menino Deus, já vestido nos panos vermelho e azul das nuvens. E vem por cima da cabeça um bando de papagaios, araras e passarim de toda espécie, como os pastores anunciando a nasença.

Tudo é grande e alegre na natureza dos gerais. Os pé-de-paus parecem gente daqui mesmo: tudo mediano e dançando com os primeiro pigos, no dia de São Miguel. A terra dos gerais bebe toda chuva, pode ser o chuveirão maior do mundo. É sede de goela seca. Não dá poça. E o cheiro de terra molhada, quando invade as ventas da montaria, o bicho não sabe de suspira ou relincha; sacode as crinas e morde a brida satisfeito.

Na tempestade e outras brutalidades de fim de mundo, a chuva labora tarefa de dilúvio, molhando as matas por prevenimento, mode o raio não queimar o gerais todo. Já vi um corisco rasgar o céu dos gerais em duas bandas. Homem! Rachou, se despregou rachaduras como garrafão de cachaça quente. Olha o estouro! Vi os cacos de estrelas debulhadas por esse meio de mundo. Foi de turvar as vistas. Briga de corisco com sol por causa da lua.

A sorte é que a chuva chegou de parelha com o trovão pra evitar a desgraceira toda. Onça entrou dentro da toca sem escolher a porta; bacurau, desse dia, não cantou mais; passarim, que não morreu de susto, ficou mudo pro resto da vida. E tatu está cavando o chão até hoje. Dia de Juízo, sem tempo pra remissão.

E o vento cirandou em redimuinho? Fez o quê! Hum! Foi pegando desprevidado, nos p'lanos dos gerais, sem tempo de esconder. Descarreiu nu, sem roupa de poeira, nomeio da chuva, correndo, tropeçando nas árvores, procurando boqueirão pra se esconder.

Cacei o cachorro, cadê? Rabo entre as pernas, tremendo, parecia chorar com pena do mundo. Mãe de Deus!

Depois que tudo passa desce uma tristeza nos pés-de-árvore. O gerais fica encabulado como quem recebeu pito. Reina silêncio e só se escuta os pingos que descem das folhas que nem lágrimas de choro. Mas isso é calundú de menino fingido. Dura pouco, pouquinho mesmo. Com qualquer nesguinha de sol, o gerais avoa serpentina de arco-íris no céu e mão cheia de passarim das alegria. Treita dos gerais. Mal secreto. Quando se passa nos grotões é que a gente vê mesmo o escondimento da dor. As vaias estão sangradas, derramando o sangue vermelho da água barrenta.

Sol a pino, o burro bagajeiro começou remanchando com desculpa de comer capim verde de beira de estrada. Cansaço. Também já estava na hora de se forrar a barriga. Paramos debaixo de um jatobazeiro. Do lado assim, um pesím de juá, cercado de moita de cajuí e uns pés de açoita-cavalo. Areis fria. Só trouxemos as ciabarrigueiras mode ventilar os panos. Dado milho e rapadura pros animais, fomos esgotar os alforjes, sentados na areia, pra quando o sol descambasse, arribar de novo, gerais a dentro.

Com dois dedos de conversa na comida, Jesuíno revirou, mais o padre Othon, porção de assunto instruído que o povo ignorante ignora. Gente daqui só foi na Lapa ou na Carinhanha. Não conhece a Santa-Casa-de-Roma, que fica na Bahia pra dentro não sei quantas léguas. Chão muito! Além das Europas. Só indo de navio ou de trem de ferro. Burro não aguenta, não. Travessia de duzentas léguas, daí pra mais. Cidades muitas e de muitas políticas, tanto as da lei de Deus como as da República e da Maçonaria. Fartura de ateu herege, que seguem as políticas dos protestantes e a religião dos comitês dos lojistas.

Homem de pouca leitura, mesmo assim eu desfrutei o aprendizado da conversa.

O resto da viagem pra Inhaúmas foi um salto. Com pouco mais, mudou a constança dos ventos e uma campina de légua e meis delatou o cheiro do rio dos Angicos. Inhaúmas não está longe. Nuvens de arara passando debocham de quem não sabe voar alto e, por causa disso, o choro das siriemas em cada canto. Os animais deram sintoma de animação e forçaram o rojão. Até a "Serepente", mula do padre estrumou fora de hora: tamos chegando!

O sol-entrando, sol sem vento. Bandeijão de ouro e sangue, gema de ovo grande minguando, de pedacim em pedacim, uma banda toda, na linha do infinito. Sol-entrando no sossego das aves e na cantoria das cigarras tristes e dos grilos que não param mais. O céu é uma asa de arara sem tamanho, com pena amarela, azul, verde e coe-sem-nome, que a Natureza pinta sem tinta de raiz e nem brocha de canela-de-ema. As cigarras cantam pouco tempo. Os grilos é que botam sentinela, chorando só e de magote, a noite toda, medo do sol não voltar mais.

Nas cumieiras das matas os buritís solteiros se espicham dando adeus ao sol e as carnaúbas ajeitam os cabelos como mulher que se preparam pra dormir com o mormaço. Sol-entrando, tristeza gostosa de quem quer divulgar longe. Distante mesmo. Mil léguas sem rumo, de saudade enrançada de três cordas: dor, alegria e desejo contrariado.

Sol-entrando, o gerais é um ninho só, onde tudo vai dormir e cochichar namoro. ol-entrando, tudo é mais longe pras vistas e pra o pensamento. A gente se sente só de saudade, peito apertado e com vontade de ir também com o sol pro fim do mundo, pra lá dos gerais, pra lá da terra, nas cabeceiras dos rios.

Quando a primeira estrela pisca de mentira, já está tudo escuro pro "Camim de Santiago" .

Seu João era quem melhor conhecia os gerais, tanto no pronúncia das estórias, como bem no riscado das trilhas, arroteios, atalhos e variantes das estradas reais. Devia de atender por João-dos-Gerais. Agaranto que era mais certo do que João Muito-Embora. Garanto. É bem verdade que só na Inhaúma tem uns três: João dos gerais-de-Riba, João dos Gerais-de-Baixo e João dos Gerais-da-Malhada. Se caçar nos outro cantos, encontra mais uns dez.

Nas sentinelas dos outros, ele rompia a noite contando os "Causos" dos gerais: briga de onça com sucruíú, anta encantada da aguadas, vara de caititús rasgando nas presa bois perdidos, e armadilha, mundéu de pegar gato do mato.

Andou cinquentá anos dos gerais pra Rua; da Rua pros gerais. Seu João deu banho, ou carregou nos braços, a maioria dos homens-feitos e velhos da Santa Maria. Mesmo morando lá nos gerais dos cocos, tinha ciência dos fuxicos e brigas, dasavenças e bizarrice do povo do Rio Corrente.

- Quero não, seu Arnaldo. Nasci nos gerais, sou geraliano e não tenho lugar mais bom pra viver, não. Deus me livre de ser enterrado no cemitério do porto, encostado em defunto que não gosto, nem apreço. Quero não. Lugar bom mesmo de se dormi, nos sete palmos de fundura, só tem nos gerais, fora dos sotaques dos homens. Daqui só saio pro céu, se lá tiver paz e Natureza.

Parece até castigo de soberba. Deus sabe o que faz e desfaz. Com as éras na espinha, o velho encutou a distância, vindo morar na Germânia, pra vender mais perto o feijãozim da safra.

Caducava, chorando saudade dos gerais e remexendo o passado do povo antigo.

Tenho pena dele. Assunta, eu não tive coragem ainda de levantar o lenço. Levanto não. Pra mim, ele tá aí em cima da cama. Quando seu Hermino Maleiro, Hermino-de-siá-Didi, veio tomar medida do tamanho, mode fazer o caixão, eu tive vontade de ver o rosto do velho, mas refuguei. Gosto não. Como refuguei também de dar banho no corpo. Inventei que água morna, esperta, nessa noite de frio, ameaça estupor e deixei com siá Bertulina siá Divirge e Pezim Coveiro o cumprimento da caridade. Lavaram, vestiram e amarraram o cordão de São Francisco na cintura. Na hora do enterro, me encontram na alça direita da cabeça; a mais pesada. O meu adjutório mesmo é "causos" e carreto.

Deus me Perdoe. Não é medo, não. É flatulência derna de menino. Vivo, cuido; morreu, nem mexo. Seu João Muito-Embora sabe disso. Se é verdade que a alma fica perto do corpo, ele está aí me assuntando dizer a verdade e conferindo as antiguidades velhas do meu relato, sem tirar e nem botar. Creio quê!

Às oito horas da manhã, um caixão de cedro, sem enfeites, saiu da rua do Riacho. O velho João Muito-Embora dava sua última viagem.

Nemezio de Joana-de-seu-João-da-Velho-Rita-preta, mais conhecido por Nemezo Contador - de "Causo", ia, penso, com o peso do defunto. De um lado, o chapéu de palha e, na outra mão, a alça cortando os dedos.

No retorno do cemitério, vinha desafogado de pecados. Cumprira o adjutório: "causo" e carreto.

Casa de detenção do Recife, 16/12/64

VITRINE

DIVULGUE:

PRIMEIRA VERSÃO
NA INTERNET

<http://www.unir.br/~primeira/index.html>

Consulte o site e leia os artigos
publicados

SUGESTÃO DE LEITURA

JURU, JURUPÁ, JURUPARI

JULIO CARVALHO
EDUFRO

COMENTÁRIOS: homem retroage ao seu tempo. O tempo das águas, dos rios, das chuvas, dos ventos, das tempestades, das noites escuras e enluaradas e dos amores fortuitos. Lembra dos adultos aqueles tempos sentados nas calçadas, contando histórias que ainda hoje enriquecem a mitologia amazônica

Nessa doce volta, o homem expira tudo que a natureza lhe presenteou. Lembra das baracéias e das paixões que lhe vinham da mata. Cai-lhe um fogaréu de emoções e Julio introduz o leitor num universo próprio do povo amazônica, característica esta, expressa antes, porém, em peças suas como "A Fauna e Flora" (1981), "Amazônia" (1983), "Arte Regional" (1986), e "Moderno" (1995).

Viajando no tempo e na vida, é nestas paragens, junto de caboclos, que se pode conhecer melhor o artista e sua obra. E, mirando objetos por ele talhados, lapidados e trabalhados – seja em forma de gente, animal. Árvore ou figuras indefinidas – refletir pela retina que "o olho permite que as coisas sejam vistas pela graça de seu ser" (Michel Foucault)